



Ser diferente em meio a uma cultura dominante: Quem foram os “Nicolaitas”, Balaão e Jezabel, segundo o Ap 2-3?

Cláudio C. Bedriñán

Uma comunidade que resiste à manifestação do império

A Igreja primitiva da Ásia Menor enfrentou também, além dos problemas externos, tais como perseguições (martírio de Antipas, Ap 2,13) e as hostilidades do judaísmo (em Esmirna, Ap 2,8-11), o conflito dentro de si mesma. Foram especialmente três Igrejas, segundo o testemunho do livro do Apocalipse, em suportar diretamente esse tipo de divisões. Esse perigo que se volta para dentro da Igreja pode ser visto a partir das expressões como “tens” (ἐχέεις, 2,14-15), “ai” (ἔκει 2,14) aos que sustentavam a doutrina dos “Nicolaitas” e a expressão “toleras” (ἀφεῖς, 2,20) a essa mulher Jezabel. Essas expressões referem-se diretamente à experiência das comunidades cristãs.

Reunimos aqui a análise dos julgamentos diretivos por Jesus, através de seu servo João, às Igrejas de Éfeso, Pérgamo e Tiatira, pelo simples motivo de que em todos eles se reflete aparentemente a mesma problemática, mesmo que cada uma dessas Igrejas tenha afrontado o problema de modo distinto entre si, todas elas se haviam visto, igualmente, invadidas por um grupo de cristãos que reivindicava uma *acomodação com o mundo pagão circundante*. Portanto, no desenvolvimento de nosso trabalho trataremos desses cristãos como de um só problema, seguindo a interpretação da maioria dos autores modernos que identifica como pertencente a um mesmo mo-

vimento os “*Nicolaítas*”, os “*seguidores da doutrina de Balaão*” e os seguidores da profetisa “*Jezabel*”.

Aqueles que propõem ser como os demais, ante o medo de ser diferentes

Detenhamos-nos a considerar o juízo da *exortação à Igreja de Éfeso* (2,2-6). A Igreja de Éfeso, aos olhos de João, tinha superado com êxito a prova para a qual os membros da seita ou da tendência paganzadora queriam conduzi-la. Por essa razão os cristãos efesinos recém um louvor que torna mais suportável o julgamento de Jesus. O centro de nosso interesse está na menção que se faz, no v.6 dessa carta: “as obras dos “*Nicolaítas*”” (τὰ ἔργα τῶν Νικολαιτῶν) que para entendê-las cabalmente se faz necessário tratá-las no conjunto dos vv. 2-6. Apresentamos, esquematicamente, parte do texto da carta, seguindo um modelo fixo¹, nos limitamos ao fundamental que é o juízo sobre a Igreja e a exortação particular. Estamos conscientes da necessidade de analisar todo o conteúdo da carta, no entanto, renunciamos por questões de brevidade.

Juízo sobre a Igreja²

Elemento positivo

Conheço as tuas obras (conduta)

v.2 e a *fadiga*

e tua perseverança

e que não podes suportar os malvados

e que puseste à prova

aos que dizem chamarem-se apóstolos

mas não são

e os encontraste mentirosos

v.3 e tens perseverança

e tens suportado por meu nome

e não te cansaste pela *fadiga*

Elemento negativo:

v.4. **Porém**, tenho contra ti que abandonaste teu primeiro amor

¹ Em cada carta se podem distinguir seis partes: 1. destinatário; 2. auto-apresentação de Jesus; 3. julgamento; 4. exortação particular; 5. promessa ao vencedor; 6. exortação geral, cf. VANNI, U. *l'Apocalisse*, 137ss.

² A versão original de todos os textos (tanto das fontes como dos comentários) que aparecem neste trabalho podem ser vistas em C. Bedriñán, *La dimensión sócio-política del mensaje del Apocalipsis*, Roma, 1996, 109-134.



Exortação particular (conseqüência em termos negativos do juízo):

v.5 Recorda-te, pois, de onde caíste,
 e converte-te
 e realiza obras primeiras (as de antes)
 Se não, virei a ti
 E mudarei o candelabro do seu lugar
Se não te converteres
 Agrega-se um elemento positivo, mas ao juízo
 (dos vv. 2-4)
 v. Tens, ao contrário, em teu favor
 que detestas as obras dos “Nicolaitas”
 que eu também detesto.

1. As obras dos “Nicolaitas”, Ap 2,6

Depois da exortação, v.5, Jesus segue elogiando a Igreja de Éfeso por sua aversão às obras dos “Nicolaitas”. Na realidade a expressão, pertinente ao juízo feito por Jesus a essa Igreja (vv. 2-4), aqui parece fora de lugar. Por isso convém precisar que o autor do Apocalipse, faz questão de usar esquemas com os quais constrói seu pensamento, não somente para eles. A conversão da tal Igreja parece ficar favorecida, porém (*ἀλλὰ*), contraposto a “não te convertes” (*μὴ μετανοήσης*) pelo fato que ela “detesta” – trata-se de uma atitude interna já presente – as obras dos “Nicolaitas”. Contudo, a exortação não quer dizer que a Igreja se desloque para outro extremo, debilitando-se em sua ortodoxia. Ela deve recuperar o fervor inicial do amor, porém não às custas da fé correta. Entre uma Igreja congelada em seus princípios e uma Igreja-espantalho, dominada pelo vento da doutrina (cf. Ef 4,14; Hb 13,9), há lugar para uma Igreja firme diante do inimigo e, mas que também, se deixa guiar de modo maleável na mão de seu chefe, Cristo. O texto não diz nada sobre as obras dos “Nicolaitas”, só as qualifica como odiosas. Quem sabe, se possa intuir algo sobre elas tomando como referências as obras que Cristo felicita essa comunidade na parte positiva do juízo que lhe dirige (vv.2-3).

Se há de notar que Cristo não diz “tu odeias os “Nicolaitas””, mas “tu odeias suas obras”, desse modo, a comunidade de Éfeso coincide com Cristo ao detestar esse comportamento. Provavelmente se deva entender esse “ódio” como “zelo pela vontade de Deus” que encontramos no AT. Esse zelo “divino” podemos senti-lo, por exemplo, na boca do salmista:

Não odeio, Senhor aos que te odeiam? Como não abominar os que te combatem (Sl 139,21)?

Se for correta a hipótese de que os últimos seis versículos desse Salmo contêm o centro de gravitação do mesmo, nosso versículo é muito significativo já que apresenta o salmista como um homem justo acusado em falso, provavelmente de idolatria, que apela à tribuna de Deus, por que Ele o conhece como afirma A. Schökel:

É uma espécie de juramento de inocência por oposição: os que o Senhor detesta, eu também os detesto; os rebeldes contra Deus me são repugnam; os inimigos de Deus são meus inimigos. A consequência é lógica: o que Deus detesta, o homem deve detestar: os malfeitores (Sl 5,6; Jr 12,8; Am 5,21; 6,8), aquele que ama a violência (Sl 11,5). Amar os inimigos de Deus e entender-se com os malfeitores seria uma cumplicidade.³

No Apocalipse nos encontramos com o juízo de Jesus Cristo, o qual, participando do conhecimento de Deus, pode sair em defesa dos cristãos fiéis de Éfeso e contra os que realmente praticam a idolatria. Em sintonia, pois, com o sentido veterotestamentário, os “Nicolaítas” são, aos olhos de Jesus, como nos apresenta João, os inimigos de Deus.

A Igreja de Éfeso é louvada por suas “obras” (v.2), mais adiante é exortada a voltar a suas “primeiras obras” (v.5) e logo se retoma o encômio por detestar as obras dos “Nicolaítas” (v.6). As “obras”, segundo o uso do Apocalipse de Tiago e de outros autores do NT, significa a tradução, em termos de comportamento, de valores ou antivalores da pessoa, é dizer, cada pessoa se expressa através de suas obras. Em nosso caso, as “obras” da Igreja não são as coisas que podem chegar a fazer esporadicamente, mas sua expressão concreta e constante. Essa manifestação, através das obras da Igreja de Éfeso se especifica ulteriormente. Se observamos a estrutura proposta anteriormente Ap 2,2-3, notaremos uma certa simetria quiástica “perseverança ὑπομονήν / ὑπομονήν perseverança”; “fadiga κόπον / οὐ κεκοπίακες não te cansaste pela fadiga”. No entanto, mais importante que esses indícios é o desenvolvimento que se verifica desde um tom pessoal, ainda que geral, até outro mais particularizado: primeiro se fala de “tua perseverança”, ao que se agrega o verbo em segunda pessoa, com uma certa acentuação emotiva: “não podes suportar os malvados”, seguindo nesse sentido até o final. Com a menção dos que “se proclamam apóstolos, mas não são”⁴ chega-se ao cume

³ SCHÖKEL, L. A., CARNITI, C., *Salmos*, p. 1598.

⁴ A falsidade dessas pessoas, que se atribuem o nome “apóstolos” (2,2) ou “judeus” (2,9; 3,9) e não são, adquire todo um peso de negatividade e de repulsa por parte do outro do Apocalipse, se o lemos à luz da definição da Besta no Ap 17,8, cf. J. Ramsey Michaels, “Revelation 1,19 and the Narrative Voices”, 614.

do raciocínio, depois do qual se retoma a idéia do princípio, mudando a formulação gramatical: “conheço que”, “tens perseverança”. Também o “não te tens cansado” é uma contestação de uma fadiga que a pessoa teve que suportar.

Em síntese, as “obras” dos cristãos de Éfeso se concretizam nesse desenvolvimento dos versículos 2-3. Parte-se de algumas características positivas da Igreja (fadiga κόπον, perseverança ὑπομονήν), se concentra particularmente em torno ao empenho ativo da comunidade em rechaçar os malvados e os falsos apóstolos, para retomar finalmente, em um tom literário mais sossegado, as qualidades positivas iniciais.

A fadiga e a perseverança, segundo a leitura mais difícil optada, devem ser entendidas a partir de uma mesma realidade. Desse modo, trata-se da fadiga da comunidade por perseverar fiel à ortodoxia cristã ameaçada pelas pressões de um ambiente hostil. A idéia de uma agressão externa à comunidade transparece na frase: “suportaste por causa do meu nome”. A adesão da Igreja a Cristo se realizou e se manteve em um contexto de oposição.

Contudo, os “malvados” que a comunidade não pode tolerar devem ser buscados no interior da Igreja. Pode tratar-se de pessoas sincretistas ou, inclusive, podem coincidir com os mesmos “falsos apóstolos” mencionados na continuação do texto.⁵ Os falsos apóstolos eram um problema bastante expandido na Igreja primitiva (cf. 1Cor 11,5.13; 1Jo 4,1; Ap 11,3; Inácio de Antioquia, *Carta aos Efésios*, 9,1; etc.), nesse caso trata-se de pessoas que pretendem ensinar a doutrina verdadeira dos apóstolos, porém a comunidade os desmascarou.⁶

2. “Nicolaitas” e Nicolau, “prosélito de Antioquia”

Alguns autores que consideram que a cabeça do grupo dos “Nicolaitas” se encontra em um personagem histórico chamado Nicolau buscaram, segundo alguns testemunhos antigos, identificá-lo com o último dos “sete” nomeados em At 6,5 do qual se assinala que era prosélito de Antioquia (Νῆ κόλαον προσήλυτον Ἀντιοχέα).

⁵ PRIGENT, P., *L'hérésie asiatic*, p. 8, sustenta uma opinião contrária, já que para a Igreja de Éfeso, a “heresia é considerada como exterior à Igreja. Ela reage de modo sadio no repúdio aos pseudo-apóstolos e no ódio aos “Nicolaitas””.

⁶ A propósito do uso de engano e de mentira como forma de manter a honra e a reputação na sociedade mediterrânea no I séc. de nossa era, veja-se o artigo sugestivo de J.J. Pilch, “Lying and Deceit”, 126-135.

A primeira conexão tradicional entre esses personagens provém de Irineu, quando afirma:

“Os “Nicolaítas” têm como mestre Nicolau, um dos sete primeiros diáconos que foram constituídos pelos apóstolos. Eles vivem sem discórdia. O Apocalipse de João manifesta plenamente quem são: eles ensinam que a fornicção e o consumir carne imolada aos ídolos são coisas indiferentes”.⁷

Uma segunda referencia encontramos é encontrada em Hipólito, ainda que este dependa do testemunho anterior:

“Nicolau, um dos sete diáconos nomeado pelos apóstolos, se afastou da ortodoxia promovendo (ensinando) a vida dissoluta e as comidas e burlando as coisas do Espírito Santo (reveladas) no Apocalipse de João, fornicando e comendo carnes imoladas aos ídolos”.⁸

Há uma forte suspeita de que o testemunho histórico e Irineu tenham sido elaborados a partir dos mesmos dados do livro do Apocalipse, visto que quando descreve o grupo não agrega nenhum elemento além dos já mencionado na obra de João. Não obstante, Irineu faça duas anotações precisas:

O personagem Nicolau, ao qual remontam as heresias, é um dos sete helenistas dos Atos; Os “Nicolaítas” vivem de forma *indiscreta*, de maneira indiferente.⁹

Alguns comentaristas vêm no diácono Nicolau, pelo fato de ser citado no final da lista dos sete, como alguém com a função de “traidor”, associando à figura de Judas, também em último lugar nas listas dos Doze. Porém, isto é pura suposição, sem base nos fatos. Por outro lado, as *Constituciones de los Apóstoles* parecem rejeitar essa paternidade quando eles dizem: “como aqueles que hoje levam o pseudônimo de “Nicolaítas”.¹⁰

Em conseqüência, não se pode continuar afirmando que na cabeça desse grupo dos nicolaítas estivesse o diácono Nicolau.

Uma provável explicação do problema

A solução desse problema poderia vir de Clemente de Alexandria¹¹, Eusébio de Cesaréia¹² e Teodoro de Ciro¹³ falando favoravelmente de Nicolau, o diácono, apontando também para uma história ou lenda que, mal interpretada, teria dado origem, mais tarde à sua reputação de herege. Esses

⁷ IRINEU DE LYON, *Adv. Haereses* I, 26,3, em: Rousseau, A., *Doutreleau, L.*, (SC, 264).

⁸ WENDLAND, P. *Philosophoumena* 7,36,3, in: *Hippolytus Werke* (GCS III, 223).

⁹ PRIGENT, P., “L’hérésie asiatic”, 12.

¹⁰ *CONSTITUCIONES DE LOS APÓSTOLES*, VI, 8.

¹¹ FRÜCHTEL, L., *Stromata Buch*, III, 207; III, 4, 25-26.

¹² BARDY, G. *Eusèbe de Césarée*, (SC 31, 139ss).

¹³ *Haereticarum fabularum compendium III, 1*, (PG 83,401-402).

autores teriam tentado precisamente mostrar o contrário na identificação dos personagens. Mais ainda, buscaram explicar o porquê da confusão. Segundo Clemente, Nicolau tinha declarado que era necessário “abusar” da carne, no sentido de “descuidar” da carne, porém no mesmo espírito que o Apóstolo Matias teria ensinado que se deve “combater e sujeitar a carne”. A seita teria interpretado, mais tarde, no sentido imoral o termo (tirando o lexema “combater”). A legenda que remonta a Clemente, segundo o Eusébio, dizia:

“Eles dizem que esse homem (Nicolau) tinha uma mulher muito bonita e quando, depois da ascensão do Salvador, ele foi acusado de ciúme pelos Apóstolos, trouxe a ela e a colocou diante de todos e deu a permissão para que qualquer um que quisesse se unir sexualmente com ela. Eles diziam que essa ação estava de acordo com a afirmação que é “necessário abusar da carne”, e seguindo o que estava fazendo e estava dizendo, sem perguntar-se o porquê, aqueles aderiram a essa heresia, fornicavam sem freio algum. Porém, eu soube que Nicolau nunca se uniu a outra mulher além daquela com quem se casou, e quanto a seus filhos, as mulheres viveram até uma idade avançada como virgens, enquanto os varões permaneceram castos. As coisas estão assim, o abandono de sua mulher, no meio dos apóstolos, a que era objeto do ciúme, foi uma renúncia à paixão, ensinado que o abusar da carne significava a continência dos prazeres buscados com ansiedade. Ele não queria, com efeito, é o que eu penso, conforme o mandamento do Salvador, servir a dois mestres: o prazer e o Senhor (Mt 6,24; Lc 16,13). Eles dizem igualmente que Matias ensinou a mesma coisa, a combater a carne e abusar dela, sem conceder nada ao prazer e fazer crescer na alma através da fé e do conhecimento.”¹⁴

Numa análise desse texto de Clemente de Alexandria, Prigent deixa aberta a possibilidade de que o mesmo faça eco a uma tradição polêmica sobre Nicolau, o qual seria uma grande figura ascética.¹⁵

A respeito da existência de uma relação entre os “Nicolaítas” do Apocalipse e o diácono Nicolau (At 6,5), nos inclinamos a pensar que este grupo pertencente à comunidade cristã primitiva ter-se-ia inspirado no personagem dos Atos dos Apóstolos e teria tomado seu nome. Este grupo de cristãos da Ásia Menor teria se identificado com o diácono Nicolau, visto que ele era

¹⁴ BARDY, G. *Eusèbe de Césarée*, (SC 31, 139ss). Matias, segundo Eusébio, um dos setenta discípulos do Senhor, foi admitido, lançando sorte, no grupo dos Doze, para ocupar o lugar de Judas Iscariotes, At 1,23.26).

¹⁵ Cf. PRIGENT, P., “L’hérésie asiatic”, 14-16.



um pagão que se converteu ao judaísmo helenista de Jerusalém e posteriormente passou ao cristianismo: um prosélito convertido. É sugestivo pensar também que Nicolau é o primeiro nome que deste a gentilidade vem à fé.

2.1. Os que querem submeter-se aos déspotas ou “baais”

Passemos agora a considerar o juízo e a exortação à Igreja de Pérgamo (Ap 2,12-17). Essa é outra carta que reflete a problemática eclesial com os “Nicolaitas”. Balizaremos nossa atenção só no julgamento e na exortação que Jesus lhe dá a conhecer mediante seu servo João (2,13-15). Apresentamos o texto de forma esquematizada:

Juízo sobre a Igreja

Elemento positivo

v.13 Sei

onde vives, onde está o trono de Satanás
e guardas com força meu nome e não tens renegado a minha fé
nem sequer nos dias de Antipas
o testemunho meu e fiel meu
que foi morto entre vós
ali onde habita Satanás

Elemento negativo

v.14 Porém, tenho contra ti algumas coisas:

Tens ali alguns que sustentam a doutrina de Balaão
que ensinou Balac
a provocar escândalos (tropeços) aos filhos de Israel
a comer carnes imoladas aos ídolos e a fornicar

v.15 Assim

tens os que sustentam a doutrina dos “Nicolaitas”, igualmente.

Exortação particular

v.16 Converte-te, pois, senão virei a ti de imediato,
combaterei contra eles
com a espada da minha boca.

3. A doutrina dos “Nicolaitas” e a doutrina de Balaão

Demos um passo adiante no afã de continuar aprofundando a identidade das pessoas denominadas “Nicolaitas”, pelo autor do texto. Possuímos escassas notícias sobre essa seita. De fato, estava muito difundida, pois apa-

rece mencionada, como já assinalamos, na carta dirigida às Igrejas de Éfeso (Ap 2,6) e Pérgamo (Ap 2,15-16).¹⁶ Visto que, nessa última, aparecem unidos aos que sustentam a “doutrina de Balaão”, alguns comentaristas afirmam que se trata do mesmo grupo de pessoas. As referências aos “Nicolaitas” em todo o NT se encontram aqui (Ap 2,6.15). Observemos o paralelismo sinônimo:

Ap 2,14: sustentas com força a doutrina de Balaão
Ap 2,15: sustentas com força a doutrina (dos) “Nicolaitas”

Muitos exegetas pensam que essa seita se chamava assim porque devia sua origem a um certo Nicolau, doutor gnóstico da Ásia. Pelo fato de estar unida aos “que sustentam a doutrina de Balaão”, com um “assim” e na descrição dos “balaamitas” se assinala o desregramento moral (“a provocar escândalos aos filhos de Israel e comer carnes imoladas aos ídolos e a fornicar” 2,14); faz pensar em uma seita sincretista, muito própria do gnosticismo, muito espiritualistas no início, mas terminando com os vícios mais estapafúrdios.¹⁷

A conexão não é só a nível textual, mas existe também uma certa equivalência etimológica. Tem-se elaborado uma engenhosa hipótese, segundo a qual, se pretende ver nos “Nicolaitas” um nome cifrado.¹⁸ Do grego, Νικος = vencedor; λαός = povo (vencedor do povo – outra tradução propõe: povo vencedor); e no hebraico בעל־עַמִּי diz quase a mesma coisa (senhor do povo). Outra possibilidade de interpretação para בעל־עַמִּי (“ele” destruiu o

¹⁶ Notemos, para reforçar a relação literária entre essas duas cartas, que a promessa ao encendedor aparece no nominativo como todas as demais, contudo, justamente nessas duas caras (2,7 e 2,17) as frases começam no dativo (*ao que está vencendo* – τῷ νικῶντι...), que indica uma relação mais estreita entre as mesmas. Inclusive o movimento literário é idêntico: “conheço...” seguido de elogios; um “porém tenho contra ti...” seguido de admoestações; um “converte-te...”; um “senão venho a ti...” ameaçador e a menção dos “Nicolaitas”, (cf. VANHOYE, A., *Le message de l'épître aux Hébreux*, p. 32).

¹⁷ Para os “Nicolaitas” a liberdade de comer carne sacrificada aos ídolos era um aspecto da libertinagem, isto é, representava o libertar-se da vontade de Deus, tanto é assim, que essa se unia a toda a prática licenciosa de vida, cf. F. Büchsel, “eivdolei/on”, 376. Na Igreja de Pérgamo, opina Prigent, “a hersia está no interior da Igreja, seja por que ela ainda não tinha saído, seja por que ela, no seu intento missionário, conquistá-la. Existem pessoas que, como Balaão, podiam comer dos sacrifícios aos ídolos e substituir-se. Assim como os “Nicolaitas” de Pergamo”, (Prigent, P., *L'hérésie asiatic*”, 8).

¹⁸ Tertuliano fala de “uns “Nicolaitas”” (*De prescript.* 33, em Fefoulé, R.F., Labriolle, P. de, in: *Traité de la Prescription*, (SC 46, 134). As *Constituições dos Apóstolos* tem induzido a ver nesse nome um criptograma quando afirmaram: “como aqueles que hoje se denominam sem razão “Nicolaitas”” (VI,8). Posteriormente, no século XVIII, temesse formulado essa hipótese nos trabalhos de Ch. A. Heumann, (*Act. Erudit.*, 1712, p. 179), cf. Prigent, P., *L'hérésie asiatic*, 8, em nota.

povo), num jogo de palavras que a LXX traduz como Balaam.¹⁹ Contudo, o nome Balaão (Balaam) pode ter origem em outra raiz etimológica: ַׁבּ לֹא “não do povo”, ou seja, aquele que não pertence ao povo de Deus, contra o qual se intentam maus augúrios.²⁰ De qualquer forma, o nome “Nicolaitas” evoca, certamente, por associação, à figura idealizada em sentido negativo, de Balaão. E Balaão, como corruptor paganizante do povo de Deus, aparece em outros lugares no NT (2Pd 2,15; Jd 2). Sua “história” originária está no ciclo de Balaão (Nm 22,5-24,25). Assim sendo:

“Nicolaitas” pode ser um criptograma para referir-se à seita no Apocalipse, utilizado para associar os membros da mesma às tradições negativas de Balaão.²¹

Não estamos diante de um simples subgrupo dentro da Igreja com características mais ou menos indulgentes à religião e sociedade pagã, já que se fala de seu pensamento como uma doutrina (didach, 2,14.15.20.24). Seus chefes puderam finep como apóstolos (2,2) e profetas (2,20), sendo ativos na busca de prosélitos e seguidores.

4. Balaão no Antigo Testamento

Balaão aparece como um homem dá um crédito total à palavra de Deus que lhe é revelada, sem subordiná-la a nenhum outro elemento: nesse sentido resiste a todas as pressões de Balac, rei de Moab, que quer obrigá-lo a profetizar contra os israelitas. No entanto, a figura de Balaão – no sentido positivo – foi ofuscada logo, não se sabe nem o porquê e o como, no âmbito do AT. Pode-se seguir alguma pista na tradição sacerdotal bastante menos favorável: segundo Nm 31,16, por instigação de Balaão, as mulheres levaram aos israelitas a infidelidade a Javé, no episódio de Peor. O culto a Baal Peor estava caracterizado tanto pela prostituição sagrada como pelo consumo de alimentos sacrificados aos ídolos através dos quais se estabelecia uma estreita relação entre a divindade e seus adoradores.²² Vejamos o texto de Nm 31,16 onde encontramos ַׁבּ לֹא traduzido para o grego como Balaam:

¹⁹“אֵבֶט significa, quem sabe, “o clã produz (frutos)”, cf. R.F. Jonhson, “Balaam”, 341.

²⁰ Janson, P. buscou iluminação no AT, visto que ali, ao tratar de Balaão encontra-se o verbo lk;n.; que significa enganar, trair com seduções (Nm 25,18). A pergunta é sobre a possibilidade de ter havido uma helenização do hebraico para a expressão “Nicolau; “Nicolaitas””? Tratar-se-ia, então, de “embusteiros”. Porém, a proposta não alcançou o eco entre os especialistas em virtude dos nomes próprios Balaão e Jezabel (que também aparecem em Ap 2,20) serem mais conhecidos que os radicais hebraicos, cf. P. Janson, “Die Nikolaiten”, 82-108, citado por A. Feuillet, *L’Apocalypse*, 35.

²¹ WATSON, D.F., “Nicolaitans”, 1107.

²² MULDER, M.J., “אֵבֶט”, 720.



“Foram, justamente elas que – no caso de Bileâm – incitaram os filhos de Israel a serem infieis ao Senhor, quando do acontecido em Peor; daí a praga que veio sobre toda a comunidade do Senhor” (Nm 31,16).

A palavra “Peor” nos remete a Nm 25,1-3, onde os israelitas se corromperam com as filhas de Moab, as quais os arrastaram para os festins culturais idolátricos (“Israel estabeleceu-se em Shitim, e o povo começou a entregar-se à prostituição com as filhas de Moab. *Elas convidaram o povo para os sacrifícios a seus deuses: o povo comeu e prosternou-se diante desses deuses.* Israel pôs sob o jugo de Baal Peor, e o Senhor se encheu de cólera contra ele”. Esta é a história que domina o judaísmo recente e o cristianismo primitivo.

Em síntese, Balaão é somente uma figura misteriosa que profetiza em favor de Israel; depois sobre uma idealização negativa no âmbito, especialmente da apocalíptica (cf. 2Pd 2,15; Jd 2), e, com uma insistência particular que merece ser levada a sério, no Apocalipse, sempre no contexto das cartas. O cristianismo acolheu plenamente a interpretação do judaísmo recente sobre Balaão. Em 2Pd 2,15; Jd 2; Ap 2,14 Balaão é visto como a prefiguração veterotestamentária dos gnósticos libertinos – os “Nicolaitas” do Apocalipse – que ameaça a unidade das Igrejas com sua falsa doutrina. Assim como Balaão fez perder os israelitas com seus conselhos, do mesmo modo os “Nicolaitas” convidavam as comunidades cristãs à idolatria. Desse modo Ap 2,14 sublinha a afinidade fundamental entre Balaão e os gnósticos. Um testemunho posterior claro desse tipo de prática entre os gnósticos podemos encontrá-lo no II século d.C., com afirmação de Kauck:

No segundo século ouvimos dizer que os gnósticos comem carne imolada aos ídolos por que sua concepção a respeito os autoriza fazer.²³

²³ KLAUCK, H.J., “Das Sendschreiben”, 168; cf. Irineu, *Contra as Heresias*, I, 6,3. Para P. Prigent (*L’hérésie Asiate*, 9), este grupo possui uma forte coloração gnostizante como a que se produzirá mais tarde. Os “Nicolaitas” adquiriram, imediatamente, a fama de sustentar os mesmos princípios dos sistemas gnósticos surgidos no segundo século. “E, de fato, um certo número de dados que não oferecidos no livro do Apocalipse se situam direitinho em uma gnose dualista – a ornicção não tem nenhuma importância visto que os corpos não são mais que um tosco e mau invólucro, porque é a parte material do homem verdadeiro, o qual não poderá ser afetado pelas aventuras carnisais, não mais que pelo comer as carnes sacrificadas aos ídolos. Quando a carta à Igreja de Tiatira menciona a pretensão dos hereges em sondar a profundidade de Satanás, é verdade que se faz eco a uma realidade gnóstica, isso foi para desviar a apresentação de uma inquietante polêmica que menciona Satanás ali onde esses hereges desviam o falar de Deus”.

5. Um “salto” simbólico – Relevâncias sociais

As interpretações modernas – pertencentes à corrente histórica – buscam suprir o vazio de notícias diretas através da reconstrução do ambiente religioso da Ásia Menor do final do primeiro século, insistindo tanto sobre a dimensão gnóstica como sobre o aspecto sincr3tista dessa seita. Por exemplo: dos fiéis seguidores do Cordeiro (Ap 14,1-5) se diz que não se mancharam com “mulheres” porque são “virgens” (παρθένοι). Esse lexema simbolicamente pode estar aludindo à pureza de culto dos seguidores do Cordeiro. Ao contrário, o termo “mulheres” estaria em relação com a profetiza que atuava em Tiatira chamada Jezabel (2,20), a qual seduz os cristãos para a idolatria e a acomodar-se na sociedade pagã. Pode-se ver nesse grupo uma concretização ou ao menos uma tendência à adaptação ao poder político. Schüssler Fiorenza refere-se a esse grupo dizendo:

Não só entre os judeus, mas também entre os cristãos se defendeu uma tendência contra a adaptação e conformidade para com os poderes políticos. João polemiza amargamente contra os profetas rivais de Éfeso, Pérgamo e Tiatira. Éfeso é louvada por rejeitar “os falsos apóstolos”, e por seu ódio contra as obras dos “Nicolaitas”, enquanto que Pérgamo é criticada severamente por tolerar aqueles que sustentavam a doutrina de Balaão. A comunidade de Tiatira há seu tempo, é censurada por aceitar a influência e o ensinamento de uma mulher profetiza e sal escola. É provável que os três nomes no código ““Nicolaitas”, Balaão e Jezabel” caracterizem o mesmo grupo de profetas cristãos que permitia comer carne sacrificada aos ídolos e aceitou compromissos com o curto do imperador. Essa postura teológica teve grandes aberturas políticas, econômicas e profissionais para os cristãos da Ásia Menor, por que a carne sacrificada aos ídolos era servida tanto nas reuniões dos clubes de artesãos, nas associações de comércio como nas recepções privadas.²⁴

Para Thompson, a origem desse grupo (“Nicolaitas”, Balaamitas e Jezabel) não teria que ser buscada na realidade social, mas no universo simbó-

²⁴ SCHÜSSER FIORENZA, E., “The Followers”, 138. A autora, em sua obra em 1973, não duvidava em ver nesse grupo uma corrente gnosticizante, contudo, mais tarde, preferiu acenar o aspecto político do mesmo. Uma interpretação política semelhante é sustentada por Yarbrow Collins, *The Revelation*, 5,s; *Crisis and Catharsis*, 74ss.). Aune prefere, por outro lado, enquadrar esse tema como uma disputa entre profetas dentro da comunidade primitiva, cf. “The Social Matrix”, 26-29.

lico criado pelo autor do Apocalipse e gerado por sua linguagem.²⁵ Acreditamos ser difícil sustentar uma posição tão extrema e engenhosa na qual o texto e a realidade encontram poucos ou, inclusive, nenhum ponto de contato. Ela descuida o impacto que essas cartas provocaram em seus destinatários ao ver-se envolvidos na mensagem que João lhes dirigiu. *João combate abertamente um grupo dentro da comunidade cristã primitiva, que não vê posta em jogo sua fé ao acomodar-se à sociedade pagã de seu tempo e da qual extrai, verossimilmente, muitos benefícios de ordem econômica, social, política, e etc.* A atitude, em certo sentido, também extremo, de João não pode ter repercutido de maneira pacífica entre os destinatários, mas com sabor muito polêmico.

Na Igreja de Pérgamo – diferentemente de quando sucede na Igreja de Éfeso – aqueles que aceitam a doutrina atribuída a Balaão, em forma de sincretismo religioso que tem assumido (comer carne imolado aos ídolos e fornicar) são de fato aceitos.

Não está claro o alcance da expressão “comer carne sacrificada aos ídolos”. Segundo o estudo específico de Sáez González²⁶ não se pode descartar a possibilidade da venda da carne no mercado, ainda que parece razoável que fosse destinada, como hábito, à distribuição depois dos sacrifícios, em virtude da quantidade de testemunhos que proíbem explicitamente a consumação fora do contexto sagrado. Há testemunhos, ainda que escassos, que permitem pensar na consumação “doméstica” das carnes dos sacrifícios. Certo é que os judeus consideravam absolutamente proibido comprar e comer tais alimentos. Além disso, não se sabe o significado certo do uso do termo *eivdwlo*, quita no NT. No Concílio dos Apóstolos (At 15,29; 21,25) provavelmente não se refira tanto à carne oferecida no mercado, nem a sua consumação privada na própria casa, mas ao fato de comer em comum diante da presença de alguns judeus crentes. As duas passagens (Ap 2,14.20) nas quais aparecem os termos, são ambíguas. Podem fazer referência às comidas privadas, como parece ser o sentido nos Atos, bem como à participação nos banquetes do templo, ao que tudo indica supor. Os testemunhos de escritores cristãos do segundo século que possuímos, nos quais se proíbe aos cristãos tais práticas, referem-se à carne oferecida no mercado; eles refletem uma clara polêmica contra os gnósticos.²⁷ Porém, esses grupos de cristãos combatidos por João, já são classificados mediante um certo “salto” simbólico a uni-

²⁵ THOMPSON, L.L., “A Sociological Analysis”, 147, “A estrutura do mundo literário de João precisa ser procurada nas interconexões de sua linguagem, não na correspondência com algum vínculo com a realidade exterior”.

²⁶ SÁEZ GONZÁLEZ, R., *El problema de las carnes*, 88-121.

²⁷ JUSTINO, *Dial.*, 34; IRINEU, *Contra as Heresias*, I, 6,3).

los com Balaão e Balac, são identificados com os “Nicolaítas”; esse percurso de Balaão aos “Nicolaítas”- enfatizado pelos elementos comparativos “assim” (οὕτως), igualmente (ὁμοίως), os quais por si sugerem uma idealização – faz pensar que o autor do Apocalipse tenha em mente justamente o termo hebraico בַּלְעָזַר como equivalente do grego νικο-λάος .

A formulação grega do texto do Apocalipse induziria a pensar em uma configuração tipicamente grega desse grupo de “balaamitas” sincretistas de Éfeso e Pérgamo. Então o autor, aludindo a um grupo, existente de fato em Pérgamo e Éfeso, se preocupa em construir um tipo, uma categoria (Balaão) interpretativa que se pode aplicar a outras circunstâncias.

Tais formas artificiais de simbolismo não são estanhas ao autor do Apocalipse. A título de exemplo podemos ver:

Têm sobre si, como rei, ao Anjo do Abismo, chamado em hebraico Abaddon e em grego Apolion (Ap 9,11).

Aqui está a sabedoria! Que o inteligente calcule a número da Besta, pois é o número de um homem. Seu número é 666 (Ap 13,18).

Eles os reuniram em um lugar, chamado em hebraico, Harnagedon (Ap 16,16).

Como conseqüência, detecta-se um desenvolvimento em três níveis no processo de simbolização construídos pelo visionário do Apocalipse: No primeiro parte de um fato – um grupo, com a intenção de entabular um diálogo com o mundo circundante, pagão, degenera em um sincretismo, postura que encontra uma certa justificação em sua “doutrina” (διδασχῆ) defendida com força (κρατοῦντας). No segundo nível, o autor do Apocalipse interpreta esse fato à luz do AT. Para isso usa a figura de Balaão, segundo a interpretação negativa que já era tradicional. Os atuais filhos de Israel correm o risco de contaminar-se com a doutrina sincretista simbolizada em Balaão. Finalmente, no terceiro nível, a comunidade de Pérgamo é convidada a uma atualização da mensagem dando um nome grego a essa doutrina negativa veterotamentária: “Nicolaítas”, já que aos olhos do autor do Apocalipse esse sincretismo inclui elementos pagãos de todo estranhos à verdade ortodoxa da comunidade cristã.²⁸

Essa hipótese tem seu fundamento no texto do Apocalipse. Apesar de tudo, a questão não é clara. Pode-se afirmar com segurança somente que, tanto o dogma como a moral cristã, corriam em Igrejas da Ásia, até o final

²⁸ Alguns autores acreditam que, ao menos dentro de alguns círculos cristãos, a “falsa” profecia não tivesse alcançado a relevância de uma profecia pagã no seio da comunidade cristã (cf. 1Jo 2,18-19).

do século I, um grande perigo por causa dos sectários chamados “Nicolaitas”, os quais herdariam ou não seu nome do diácono Nicolau, do qual sabemos pouco ou nada. É justo afirmar, como Prigent, que o nome de “Nicolaitas” “guarda até hoje uma grande parte de mistério”.²⁹

De qualquer forma, seja qual for a interpretação que se prefira, permanece o fato fundamental da identidade afirmada entre o esquema abstrato negativo de Balaão e a realidade – os “Nicolaitas” – da Igreja de Pérgamo. A isso é mister acrescentar que Jezabel, que se proclamava profetiza, enganava (Ap 2,20) com seus ensinamentos aos cristãos de Tiatira desviando-os para uma falsa doutrina (que no Ap 2,6.14.15 se coloca em sintonia com os “Nicolaitas”), até a fornicação e participação nos banquetes pagãos eram legitimados. Na carta à Igreja de Pérgamo, Cristo acusa o grupo dos “Nicolaitas”, que seduzem a comunidade, induzindo-a a comer carne sacrificada aos ídolos e à prática sexual desenfreada (Ap 2,14), em conformidade com o ambiente. O autor se inspira na doutrina veterotestamentária de Balaão (Nm 25,1ss; 3,16), o qual, analogamente, seduz Israel. Do mesmo modo a Igreja de Tiatira é reprovada por que tolera uma “profetiza” de nome Jezabel. É evidente que se trata de um conflito no inteiro da comunidade cristã, conflito que surge precisamente pelas divergências no modo de defrontar-se com o mundo pagão circundante. Nesse sentido afirma Prigent:

A grave questão que os “Nicolaitas” colocam aos cristãos parece decididamente ser aquela da possibilidade de um compromisso, de um “*modus vivendi*” com o mundo pagão. Em resposta a essa tentação de relativizar toda a fidelidade e de afirmar a indiferença ou futilidade de todos os compromissos assumidos (*courages incarnés*), o autor das Cartas às Igrejas reage com uma clareza singular: o mundo idólatra, que pretende fazer de todos os homens seus subjugados, está animado por Satanás. Os que, no próprio interior da Igreja e por essa razão, pretendam, ainda que seja um pouco pactuar com a idolatria, são eles também criaturas de Satanás. Deus espera dos seus a fidelidade que possa alcançar até o martírio.³⁰

A Igreja de Pérgamo (Ap 2,16) é exortada com um imperativo “*converte-te*”, freqüente na primeira parte do Apocalipse (Ap 2,5.16; 3,3.19), o qual exige uma decisão diante da situação atual. Mediante essa chamada de atenção tem-se como proposta abrir a comunidade para novos horizontes, a buscar e provocar a vontade para uma mudança nas circunstâncias concretas da vida. Essa mudança é uma consequência (“pós”) do juízo de Cristo que deve acontecer indefectivelmente. Ao contrário, (eiv de mh.), o que se realizará será o conteúdo da ameaça que se compõe de duas partes: a primeira referida

²⁹ PRIGENT, P., *L'hérésie asiatic*, 10.

³⁰ PRIGENT, P., *Idem*, 20.

diretamente, com um dativo ético ou de interesse (“virei a ti”), à Igreja, em geral; a segunda, ao contrário, dirigida ao grupo dos “Nicolaítas” presentes no âmbito da Igreja, porém claramente distinto.

A vinda de Cristo à Igreja não pode ser esperada que aconteça na Parúsia, mas se trata de uma visita particular de Cristo, no sentido veterotestamentário das “visitas de Deus”, que transforma um convite em provação.³¹ Se a comunidade de Pérgamo entra no caminho da conversão, deverá abandonar a atitude de tolerância para com os costumes heréticos já que são vistos como culpa grave. João intenta para que essa comunidade se comporte como a de Éfeso (Ap 2,6), a qual já tinha afastado o problema do seu meio.

A intervenção direta de Cristo contra os “Nicolaítas” será penetrante e cortante como a de uma espada que sai de sua boca. Assim não os deixa intuir, desde o início dessa carta, quando Cristo se auto-apresenta como aquele que “tem a espada afiada com dois cortes”: (o` e;cwn thn r`omfai,na thn di,stomon thn ovxeian). A imagem da espada que sai da boca de Cristo usada três vezes em todo o livro (Ap 1,16; [2,12]; 2,16; 19,15) faz sempre referência à sua palavra. Contudo, quando é usada no contexto positivo, indica a eficácia do julgamento de Cristo sobre as Igrejas (Ap 1,16); enquanto que, num contexto negativo, significa o instrumento de castigo (19,15). Em consequência, a palavra de Cristo coincide com sua ação, ou seja, aquilo que ela diz se realiza: a condenação do mal produz a destruição do mal. Nosso texto de Ap 2,16 se situa num ponto intermediário visto que já foi pronunciada a palavra eficaz da condenação de Cristo contra os “Nicolaítas”. A tensão existente (cf. 2,7) pode chegar a converter-se em guerra (polemh,sw), a menos que esse grupo desista de sua posição. Provavelmente o uso da imagem de espada significando a palavra de Cristo que sai de sua boca nos confirme a idéia de um enfrentamento contra uma doutrina bastante sólida.

O poder da palavra de Deus, simbolizado na espada saindo da boca de Cristo, se opõe aos ensinamentos, insistentemente, reprovados dos nicoalítas. A pretensão ao exercício de um saber se contrapõe à profundidade e penetração únicas da Palavra de Deus. Essa mesma indicação carregada de ironia voltamos a encontrar na carta à Igreja de Tiatira. Desse conflito só temos a versão de uma de suas partes precisamente a que tem ficado plasmada pelo Apocalipse; no entanto, não possuímos nenhuma pista daquilo que pensavam os integrantes do grupo que se quer contra-atacar. Não sabemos sequer como era considerada a postura adotada por João. Somente podemos imaginar que

³¹ As visitas de Deus no AT, destinadas aos indivíduos e aos povos, podem abarcar tanto benefícios (Ex 3,16; 4,31; Sl 65,10; 80,15; Sb 3,7-13; Jr 29,10), como o castigo (ISm 15,2; Jr 6,15; 23,34; Os 4,9; Am 3,2; Sb 14,11; 19,15).

não terá sido uma polêmica pacífica, já que estavam em jogo muitos interesses econômicos, trabalhistas, sociais, etc.

Vemos João preocupado principalmente por combater uma posição laxista de doutrina cristã que degenerou em heresia. Ainda que se detectem algumas referências de perseguição pontualizadas e de problemas surgidos na raiz das religiões pagãs, em geral, e do culto imperial em particular, não são esses os temas que ocupam o centro da controvérsia de João nas cartas às comunidades de Éfeso, Pérgamo e Tiatira. O interesse de João se concentra em erradicar o germe da heresia gnóstica de caráter dualista e com elementos judaizantes que começava a vislumbrar-se. Em grandes linhas é a postura sustentada por Prigent, ainda que esse autor afirme que a controvérsia com os hereges gnósticos explica a origem das sete cartas. Nós cremos que Scobie apresenta uma posição mais moderada e verossímil quando afirma:

Há referências diretas dos falsos mestres só nas caras a Éfeso, Pergamo e Tiatira, enquanto que as referências a “aqueles que se dizem judeus e não são, mas é a sinagoga de Satanás”, nas cartas a Esmirna e Filadélfia, poderiam aludir a componentes judeus sob a forma de gnosticismo, isto está longe de ser certo; as referências, provavelmente, podem ser melhor compreendidas se aplicadas à oposição dos judeus ao movimento cristão nascente.³²

6. Os profetas do “deus mercado”: julgamento a Tiatira 2,19-25

A última das cartas do Apocalipse que refletia a problemática interna com esse grupo de cristãos dissidentes, segundo João, é dirigida à comunidade de Tiatira (Ap 2,18-29). Do mesmo modo que procedemos com as demais cartas desse capítulo, nos limitaremos ao julgamento emitido por Jesus (vv.19-25). Nesse contexto nos deteremos mais especificamente no papel e importância de “Jezabel”, a qual se “auto-denomina profetiza” (v.20). O texto, ao qual faremos referência, ordenado esquematicamente, se apresenta assim:

Julgamento sobre a Igreja

Elemento positivo:

v.19 Conheço a ti

as obras

e o amor

e a fé

³² SCOBIE, C.H., *Local References*, 617.

e o serviço
e a tua paciência
e as obras
as últimas são melhores que as primeiras.

Elemento negativo:

v.20 Porém, tenho contra ti
que deixas [fazer] (toleras) a mulher Jezabel,
ela que se chama (auto-proclama) profetiza
e ensina e desvia meus servos
a fornicar e a comer (carnes) imoladas aos ídolos.

v.21 Lhe dei tempo
para que se converta
porém não quer converter-se de sua imoralidade.

v.22 Veja, vou jogá-la num leito (de dor)
e os que adulteram com ela, numa grande tribulação,
se não se converterem
das obras dela.

v.23 E os filhos dela, os farei, realmente, morrer,
e saberão todas as Igrejas
que eu sou aquele que sonda os rins e os corações
e eu pagarei a cada um segundo as suas obras.

v.24 Porém, a vós eu digo, aos demais de Tiatira,
que não têm essa doutrina,
que não conheceram “as profundidades de Satanás”, como
eles dizem,

não vos imponho nenhuma outra carga.
v.25 porém, o que tendes, conservai-o até que eu venha.

6.1 Exegese de Ap 2,19-25

A carta dirigida à Igreja de Tiatira (2,18-29) ocupa o lugar central no centenário epistolar do livro do Apocalipse. A característica mais saliente é sua extensão, pois é a mais longa de todas as cartas. O juízo que essa carta contém, começa com um elogio (v.19) que é exatamente o inverso da reprovação à Igreja de Éfeso (v.4: “porém, tenho contra ti, que abandonaste o primeiro amor”).

Destaca-se como motivo literário a repetição da palavra “obras” (e-rga) que aparece nessa carta cinco vezes entre as vinte que ocorre em todo o livro. O autor do Apocalipse já havia começado falar dessas “obras” na carta



dirigida à Igreja de Éfeso (3 vezes), e logo retoma o discurso, precisamente aqui.

É interessante notar que o movimento literário do elemento negativo do juízo, que Cristo dirige à comunidade de Tiatira, se desenrola - como parece claro na estrutura proposta - em cinco versículos, dentre os quais, vv.20-23 são especificamente negativos. Os vv. 24-25 constituem uma exortação para o resto da comunidade a não misturar-se com o grupo anteriormente condenado. Os vv. 20-23 se sucedem em forma paralela sinonímica: começam nomeando Jezabel ou aludindo a ela mediante um pronome pessoal e se conclui mencionando suas más obras. O centro dos versículos 21-22 se constitui na admoestação à conversão. Essa é uma das características dessa carta, no que tange ao centenário: a advertência a arrepender-se e a converter-se (2,21): (“porém, não quer arrepender-ser”).

6.2 A auto-denominada “profetisa Jezabel”

Assim como para a Igreja de Pérgamo é reprovada sua convivência com da seita de Balaão, também à Igreja de Tiatira se reprova o fato de tolerar a profetisa Jezabel. Essa mulher pretende desempenhar um papel profético e didático na Igreja de Tiatira. Poderíamos nos perguntar se trata efetivamente de um personagem feminino existente, ou talvez, um grupo que se denominou ou que já era auto-denominado dessa forma.

A força idealizadora, com tudo, se manifesta no nome de Jezabel, que faz dessa mulher um tipo de contaminação pagã como a Jezabel bíblica. A referência tipológica desse nome no AT pode ser vista em 1Rs 16,31; 2Rs 9,7.22. Ademais, essa força idealizadora favoreceria à insistência sobre alguns particulares claramente simbólicos (Ap 2,22: Veja, a ele vou atirar num leito e os que adulteram com ela em um grande sofrimento”). Essa mulher promove uma conduta similar à desempenhada pela figura veterotestamentária (cf. Ap 2,20-21). Provavelmente estamos diante de um caso, frequente no Apocalipse, no qual o autor projeta um ponto de partida realista para logo depois passar ao símbolo.³³ Dado que em ambos os casos (em Pérgamo e em Tiatira) se fala de uma doutrina que se desvia nesse sentido, devemos pensar em grupos ou partidos com princípios desse gênero. Podem ser gnósticos libertinos, os quais não só autorizavam o consumo de carne imolada aos

³³ Veja-se, por exemplo, no Ap 9,7-8 quando o autor fala dos gafanhotos, diz que possuíam “como” (w’j) cabelos de mulher. Também em 14,4 ele parte do fato real: a abstenção de sexo com a mulher e, por conseguinte, a pureza cultural, permite significar o seguimento imaculado do Cordeiro.



ídolos e práticas sexuais livres, que se gloriavam de tal liberdade como se possuíssem uma força particular (cf. 1Cor 8,10) de superioridade cristã.

6.3. Relevâncias sociais

Se identificarmos todas as “obras” como pertencentes a um mesmo grupo de pessoas, temos que afirmar que a ofensa dos “Nicolaítas” e de Jezabel é grande aos olhos de João. Klauck prefere falar de um só movimento comum às três Igrejas da Ásia Menor:

(Portanto, Jezabel e Balaão se encontram na mesma linha e os “filhos de Jezabel”, em 2,23, que significam o mesmo que o grupo de sequazes, podemos situá-los no âmbito que os “Nicolaítas” e seus seguidores, em 2,6 e 2,15). Por isso encontramos em três das sete comunidades às quais as cartas são dirigidas, um movimento relativamente uniforme...³⁴

De fato, esse grupo tomado no seu conjunto, é exortado à conversão, a arrepende-se do seu proceder. No entanto, seu comportamento demoníaco não é de uma magnitude tal que leve o visionário a excluí-lo das Igrejas. Isso é algo que se deve ter muito presente quando se intenta determinar de que tipo de ofensas é acusado esse grupo. O comportamento em questão é descrito com dois verbos no infinitivo estreitamente ligado, “comer carne imolada e fornicar” (2,14), cuja ordem inversa se vê aqui na carta à Igreja de Tiatira (2,20).³⁵ Sua unidade induz a pensar que o comer carne imolada aos ídolos significa cometer uma idolatria (porneu/sai). Em consequência, como já temos indicado, o segundo verbo -“fornicar” – deve ser considerado no seu sentido metafórico.³⁶ E a falta dos “Nicolaítas” e de Jezabel se centraliza na atividade de comer carne oferecida aos ídolos e seu significado.³⁷ Transcrevemos um texto de Theissen que explica o sentido social dessa atividade:

Os cristãos ricos envoltos em responsabilidades econômicas e ivis teriam desejado participar das comidas cúlticas com maior freqüência que os membros pobres da Igreja, os quais teriam ocasião de comer carne apenas

³⁴ KLAUCK, J.h., *Das Sendschreiben*, 166.

³⁵ João, provavelmente, queria enfatizar com a inversão da ordem dos verbos, que a intenção primária da profetiza era a da imoralidade sexual.

³⁶ O lexema “fornicação” (pornei,a) é usado no sentido metafórico todas as vezes que aparece mencionada fora das cartas às Igrejas (14,8; 17,2.4; 18,3; 19,2). O único caso em que, provavelmente, se empregue o sentido literal é o associado à idolatria (9,20-21), cf. YARBRO, Collins, A., *Persecution and Vengeance*, p. 740, nota 56.

³⁷ Cf. YARBRO, C. A., *Ibiden*. O sentido de “comer carne sacrificada aos ídolos” não se reduz aos aspectos práticos e concretos, mas se estende ao simbólico.



nos grandes festivais públicos ou clubes sociais que incluíam membros de todas as camadas sociais.³⁸

João sente a rejeição quase visceral pelo mundo cultural greco-romano e, por essa razão, veta a participação dos cristãos na vida profissional e civil. Aos cristãos de Éfeso, louva pela sua rejeição às obras dos “Nicolaitas”, os quais tratavam de impor-se com autoridade apostólica na Igreja local. Aos de Pérgamo e Tiatura exorta a purificar-se dos ensinamentos enganosos propagados por alguns líderes locais. Thompson afirma a respeito:

Quaisquer que sejam suas diferenças teológicas, suas atitudes semelhantes às da sociedade urbana local refletem uma postura social similar; isto é, aqueles grupos constituídos por, entre outros, pessoas que tinham empresas e comércio, os quais tinham parcerias nas responsabilidades civis, esses eram, com toda a probabilidade, membros das mais ricas camadas sociais e da liderança da Igreja cristã primitiva.³⁹

Os adversários que João encontra, nessas três cartas (Éfeso, Pérgamo e Tiatira), são sempre cristãos. O conflito se detecta aqui se desenvolve dentro da comunidade cristã. É preciso notar que, ainda que João aluda diretamente a uma pessoa concreta, a qual está no encabeçamento das desordens da comunidade de Tiatira, - era suficiente dizer: “aquela se auto-denomina profetiza”, para identificá-la -, contudo, não a nomeia com seu nome verdadeiro, mas utiliza um nome simbólico e apelativo: Jezabel. Na expressão de Klauck:

Essa mulher que trajava como profetiza cristã na comunidade de Tiatira, dificilmente vem chamada com o nome próprio de Jezabel.⁴⁰

O responsável nessa comunidade já não será Balaão, como no Ap 2,14, mas a profetiza Jezabel. A história de Jezabel, mulher do rei Ajab e filha do rei de Sidon (1Rs 16,31), na época do profeta Elias, está de fato estreitamente ligada ao profetismo. Jezabel é como um símbolo da união selada com uma aliança de família, entre Israel e os fenícios. Como idólatra de “Baal”, extermina os profetas do Senhor e se cerca dos de “Baal”, em cuja mesa se senta (1Rs 18,19). Em virtude disso, é uma mulher de prostituições (1Rs 16,31; 2Rs 9,22) e sua descendência está destinada à morte (1Rs 21,20-24). No AT não há nenhum indício de que a seu nome tenha sido atribuído um valor simbólico, como o que parece estar indicado no Apocalipse. No Apocalipse têm sido dadas três interpretações a esse nome:

a. Um nome como representação de uma tendência ou um partido que atuava na comunidade de Tiatira;

³⁸ Citado por THOMPSON, L. L., *The Book of Revelation*, p. 122.

³⁹ THOMPSON, L.L., *Idem*, p. 123.

⁴⁰ KLAUCK, H.J., *Das Sendschreiben*, p. 167.

- b. Um personagem histórico, uma profetiza do santuário de Sibila, em Tiatira;
- c. A líder de um movimento no interior da comunidade cristã da cidade.

Como conseqüência, essa personagem feminina, se torna um arquétipo apto para qualificar, extraíndo-o da história, a mulher que corrompe Tiatira. Desse modo, obriga o seu auditório a elevar-se acima do fato concreto aludido e mediante um processo de simbolização, faz desse caso um exemplo de inteligibilidade teológica de caráter genérico.

7. Conclusão: intolerância ou fidelidade?

Constatamos que, no final do primeiro século e durante os primeiros decênios do segundo, o cristianismo asiático estava dividido a respeito da questão própria e, particularmente, candente: a atitude a ser adotada frente ao mundo idólatrico em que estavam vivendo.

No Apocalipse começa-se a vislumbrar os dois tipos de respostas que, historicamente, foram propostos e que se apresentariam mais claros no tempo de Inácio de Antioquia e depois. Não podemos ver nesse desenvolvimento uma perfeita continuidade histórica, sociológica e teológica entre os respectivos partidários de cada uma dessas soluções ao longo daqueles anos. João, no Apocalipse, ataca os cristãos, os quais tendo aceitado pontos de vista mais ou menos dualistas, têm sido levados, naturalmente, a tirar conseqüências coerentes. A postura herética pode ser formulada desse modo: Não há porque arriscar a vida para evitar todo o compromisso com o paganismo; o martírio não faz parte da vocação cristã. Diante dessa posição laxista se colocam os que poderíamos chamar de profetas da intransigência. Esses vêm de horizontes distintos, sua teologia está longe de ser a mesma, por isso, o grupo “herético” não pode formar a Igreja ortodoxa. Além do mais, há um fato que se impõe a todos como evidente: É que o cristianismo no mundo não pode seguir outro caminho que o de Cristo, o caminho do testemunho e do martírio, ou pelo menos, da absoluta rejeição ao pacto com a idolatria satânica.

O autor do Apocalipse, pelo que emerge da análise até agora realizada, polemiza com a tendência de adaptar-se e conformar-se com o poder político romano, mais crucial nas Igrejas de Éfeso, Pérgamo e Tiatira. Essa adaptação, vista por alguns como inofensiva à fé cristã, implica, aos olhos de João, comprometer a visão teológica em si mesma, enquanto que os cristãos, ao participar livremente da vida política, econômica e social das cidades romanas, terminam por diluir-se no mundo pagão. Para João, os cristãos são pro-

priedade exclusiva de Cristo que os têm libertado (Ap 1,5) e comprado (Ap 5,9) com o preço do seu sangue redentor, fazendo-os participantes do seu próprio sacerdócio.

Nesse estudo, pudemos avaliar o que significou para o autor do Apocalipse a elaboração de um quadro simbólico coerente com o qual enfrentava os defensores de uma conduta, a seu juízo, equivocada. Mediante esse salto simbólico, o autor consegue interpretar, à luz do AT, a realidade que algumas Igrejas da Ásia Menor, estavam atravessando. Desse modo, a simbologia veterotestamentária recuperava a valia para o cristão.

Esse mesmo procedimento simbólico será utilizado por João, especialmente no Ap 17-18, para descortinar-nos a realidade demoníaca do mundo sócio-político do primeiro século. Sua intenção será a de ajudar os membros de minoria cristã a interpretar, à luz da fé em Cristo ressuscitado, sua própria história.

Résumé

Les chrétiens, au période de l'Apocalypse, ont affronté des ennemis visibles et réels, comme l'Empire et la Synagogue. Cependant, un ennemis plus « idéal » c'était le simple fait d'être différents des autres. La culture dominante imposait ses patrons de comportement et d'action. Pour les chrétiens, les archétypiques de l'empire ne servaient pas et si rendraient antagoniques à la spiritualité de l'Évangile. Ces archétypiques antagoniques au christianisme pouvaient être stéréotypés chez les Nicolaïtes et en Jézabel

Cláudio C. Bedriñán

Doutor pela Pontifícia Universidade Gregoriana
Paróquia Pompéia, Mal del Plata/Uruguai
cformcap@adinet.com.uy

Bibliografia

- ALEXANDRINUS, *Clemens, Stromata II*, en *Clément d'Alexandrie. Lês Stromates*, ed. P.Th. Camelot y Cl. Mondésert (SC 38) Paris 1954.
ALEXANDRINUS, *Clemens, Stromata III*, en *Stromata Buch I-VI*, ed. L. Früchtel, Berlin 1960.
Constitutiones Apostolorum, en *Les Constitutions Apostoliques II*, ed. M. Metzger (SC 329) Paris 1986.

- EUSEBIUS a Caesarea, *História Ecclesiastica III*, en *Eusèbe de Césarée. Historie Ecclésiastique I-IV*, ed. G. Bardy (SC 31) Paris 1952, 139s.
- HIPPOLYTUS, *Philosophoumena*, en *Hippolytus Werke III, Refutatio Omnium Haeresium*, ed. P. Wendland (GCS III) Leipzig 1916, 223.
- IRENAEUS, *Adversus Hereses I*, en *Irénée de Lyon. Contre les Hérésies I*, ed. A. Rousseau L. Doutreleau (SC 264) Paris 1979, 94-96, 348.
- TERTULIANUS, *De Praescriptione Haereticorum*, ed. Gino Mazzoni, Siena 1936²
- AUNE, David E., *The Form and Function of the Proclamations to the Seven Churches (Revelation 2-3)*, *NTS* 36 (1990) 182-204
- BEALE, Gregory K., *The Interpretative problem of Ver 1:19*, *NT* 34 (1992) 360-387
- BLEVINS, James L., *Revelation 1-3*, *RExp* 87 (1990) 615-621
- BROX, Norbert, *Nikolaos und Nikolaiten*, *VigChr* 19 (1965) 25-30
- GANGEMI, Attilio, *L'albero della vita (Ap 2,7)*, *RivB23* (1975) 383-397
- HARNACK, Adolf Von, *The Sect of the Nicolaitans and Nicolaus, the Deacon in Jerusalem*, *JRel* 3 (1923) 413-422
- HEILIGENTHAL, Roman, *Wer waren die "Nicolaiten"?*, *Ein Beitrag zur Theologiegeschichte des frühen Christentums*, *ZNW* 82 (1991) 133-137
- Klauck, Hans-Josef, *Das Sendschreiben nach Pergamon und der Kaiserkult in der Johannesoffenbarung*, *Bib* 73 (1992) 153-182
- NORTH, Robert, *Thronus Satanae Pergamenus*, *VDni* 28 (1950) 65-76
- PICLCH, John J., *Lying and Deceit in the Letters to the Seven Churches. Perspectives from Cultural Anthropology*, *BTB* 22 (1992) 126-135
- PRIGENT, Pierre, *L'hérésie asiatic et l'Eglise confessante de l'Apocalypse à Ignace*, *VigChr* 31 (1977) 1-22
- RAMSEY, Micchaels, J., *Revelation 1.19 and the Narrative Voices*, *NTS* 37 (1991) 614
- SCHÜSSLER, Fiorenza, E., *Redemption as Liberation: Apoc 1:5f and 5:9f.*, *CBQ* 36 (1974) 220-232
- SCOBIE, Charles H.H., *Local References in the Letters to the Seven Churches*, *NTS* 39 (1993) 606-624
- WATSON, Duane F., *Nicolaitans*, em *ABD IV*, New York 1992, 1106s